



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-15-4
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
CAPÍTULO 2	8
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
CAPÍTULO 4	28
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
CAPÍTULO 5	40
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
CAPÍTULO 6	52
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
CAPÍTULO 7	62
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
CAPÍTULO 8	76
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
CAPÍTULO 9	93
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

Valnice Sousa Paiva
Jucineide Lessa de Carvalho

CAPÍTULO 10	103
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
CAPÍTULO 11	119
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva</i> <i>Leila Adriana Baptaglin</i>	
CAPÍTULO 12	131
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa</i> <i>Márcio Lima de Aguiar</i>	
CAPÍTULO 13	141
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i> <i>Ursula Rosa da Silva</i>	
CAPÍTULO 14	149
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
CAPÍTULO 15	158
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
CAPÍTULO 16	171
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale</i> <i>Eric Vagner de Souza</i>	
CAPÍTULO 17	183
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego</i> <i>Adriana Costa Rego</i>	

CAPÍTULO 18	194
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
CAPÍTULO 19	204
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
CAPÍTULO 20	223
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
CAPÍTULO 21	241
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
CAPÍTULO 22	257
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
CAPÍTULO 23	267
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
CAPÍTULO 24	278
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
CAPÍTULO 25	288
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

CAPÍTULO 26	299
MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL:CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN	
<i>Jailson Valentim dos Santos</i>	
CAPÍTULO 27	314
A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	
<i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i>	
<i>Gilberto Andrade Machado</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	324

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Flávia Janiaski Vale

Universidade Federal da Grande Dourados/
UFGD, Faculdade de Comunicação, Artes e
Letras, Curso de Artes Cênicas
Dourados – Mato Grosso do Sul

Eric Vagner de Souza

Universidade Federal da Grande Dourados/
UFGD, Faculdade de Comunicação, Artes e
Letras, Curso de Artes Cênicas
Dourados – Mato Grosso do Sul

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão a partir de pesquisa teórico-prática sobre o ato de contar histórias na educação infantil, e como esta prática pode ser um primeiro contato das crianças com o teatro. A pesquisa foi dividida em duas partes: uma teórica e outra prática. O Objetivo da parte teórica foi fazer uma revisão bibliográfica sobre os temas pertinentes à pesquisa (contação de história, educação infantil, formação de professores; William Shakespeare) e confeccionar planos de aula para posteriormente realizar oficinas. O Objetivo da parte prática foi ministrar quatro oficinas para professores dos Centros Municipais de Educação Infantil de Dourados (CEIM'S). As oficinas foram de contação de história, usando como temática peças de Shakespeare, com o intuito de que depois estes professores pudessem experimentar em seus locais de

trabalho o que foi vivenciado e produzido durante as oficinas. Como todo aprendizado funciona a base de trocas, também foi objetivo da oficina fazer um levantamento de dados sobre como os professores entendiam e trabalham a contação de histórias em seu dia-a-dia escolar e quais as possíveis pontes ou ligações poderíamos fazer com o teatro. A ideia foi despertar nos participantes o interesse por novas possibilidades e formas de contar uma história, perpassando a literatura, mas principalmente com o foco no corpo, sensações e descobertas de novos caminhos através da contação de histórias.

PALAVRAS – CHAVES: Contação de Histórias, Educação Infantil, Formação de Professores, William Shakespeare.

ABSTRACT: This work presents a reflection from theoretical-practical research on the act of telling stories in early childhood education. In addition, how this practice can be a first contact of children with the theater, with two parts: a theoretical and a practical one. The objective of the theoretical part was to make a bibliographical review on the themes pertinent to the research (history telling, early childhood education, teacher training, William Shakespeare) and to make lesson plans to later carry out workshops. The objective of the practical part was to minister

four workshops for teachers of the Municipal Centers of Early Childhood Education of Dourados. The workshops were of storytelling, using Shakespeare, with the intention that later these teachers could experience in their work places. As all learning works based on exchanges, it was also the purpose of the workshop to collect data on how teachers understood and work with storytelling in their class. What possible bridges or connections we could make with the theater. The idea was to awaken in the participants the interest in new possibilities and ways of telling a story, going through literature, but mainly with the focus on the body, sensations and discoveries of new ways through storytelling.

KEYWORDS: Storytelling, Early Childhood Education, Teacher Training, William Shakespeare

1 | INTRODUÇÃO

Trabalhar com contação de história na educação infantil é um leque de possibilidades com potencial de ajudar as crianças a se identificarem como sujeitos no mundo; trabalhar a relação com o outro; a valorização das tradições e de si mesmos; o respeito pelo diferente; a compreensão das regras sociais e culturais; a percepção corporal e espacial; a linguagem e desenvolvimento cognitivo; são algumas entre outras possibilidades.

Desta forma, investigar formas de inserção do teatro na educação infantil por meio da Contação de História foi o objetivo central de toda a pesquisa desenvolvida. Para tanto, foi preciso em um primeiro momento desenvolver um estudo teórico sobre o teatro na educação infantil, assim como verificar a compreensão dos professores da Rede Municipal de Ensino de Dourados sobre contação de história e como estes realizam esta prática na educação infantil. Para posteriormente organizar as oficinas, que tiveram como público alvo os professores, pois estes estão em contato direto e diário com as crianças.

É importante ressaltar dois pontos em relação aos objetivos e caminhos da pesquisa: O primeiro é o fato de que utilizamos como temática para trabalhar a contação de história, as obras do dramaturgo inglês William Shakespeare. Para tanto foram realizadas leituras e discussões de algumas peças do autor, dentre elas, *Sonho de uma noite de verão*; *Otelo*; *Hamlet*; *Romeu e Julieta* e *A Tempestade* para depois escolher quais seriam de fato levadas para as oficinas.

O segundo é que a formação de professores sempre foi um dos objetivos da pesquisa, no entanto, ao adentrarmos de fato na pesquisa bibliográfica foi se desenhando cada vez mais a urgência e necessidade de trabalhar com a formação continuada de professores, pois a forma mais eficiente para se alcançar nosso objetivo principal, que era levar a contação de história e o teatro para as crianças, seria através daqueles que estão todos os dias com elas. Foi ao entender a importância da Formação Continuada

de Professores que pudemos traçar estratégias para a compreensão do teatro no universo das crianças no ambiente escolar.

Apoiados em Antonio Nóvoa (1992) entendemos o conceito de formação como algo em processo, como um percurso a ser trilhado. Percurso este que perpassa a trajetória de vida pessoal e profissional de cada educador, e nunca se conclui, é permanente, e baseado em experiências cotidianas. A partir deste conceito se tornou imprescindível que os professores experimentassem e explorassem nas oficinas possibilidades práticas que pudessem ser incorporadas em suas práticas diárias ao contar uma história. Possibilidades estas que perpassam o universo da literatura, mas que priorizam o corpo, as sensações e as descobertas de novas maneira de se contar uma história:

Há todo um referencial teórico conhecido e acessível respaldando a grande importância de se ler em voz alta para crianças a fim de estimular nelas a leitura. O que procuramos destacar aqui é que a troca narrativa com crianças pequenas tem muitas outras dimensões, além do estímulo à leitura. (GIRARDELLO, 2017. p .8)

Ou seja, a contação de história tem um potencial pedagógico e artístico muito grande, especialmente na educação infantil, e caberá ao professor explorar (no melhor sentido desta palavra) este potencial. O professor tem papel fundamental para aqueles que estão em fase de descobertas, desta forma as oficinas foram uma forma de aguçar as percepções dos participantes, tendo a contribuição do teatro, leitura e narração para inúmeras possibilidades de construção e reverberação do saber.

2 | POR QUE CONTAR SHAKESPEARE?

“Que estas notas solenes, o melhor remédio para uma imaginação desvairada, curem o teu cérebro que, agora inútil, está te fervendo dentro do crânio. Permaneçam em seus lugares, pois os senhores estão paralisados por um encanamento meu.” (SHAKESPEARE, W. 2015. p. 100)

Um dos principais instrumentos de referência da pesquisa foram as peças de Shakespeare, segundo um dos maiores pesquisadores sobre o autor:

A literatura de Shakespeare é, praticamente, única, ao combinar entretenimento e sabedoria. (...) afetivo x cognitivo; secular x sagrado; entretenimento x instrução; papéis dramáticos x personagens e personalidades; ‘autor’ x ‘linguagem’; histórica x ficção; contexto x texto; subversão x conservadorismo. Shakespeare, em termos culturais, é a nossa maior contingência; Shakespeare é a história cultural que nos predetermina. (BLOOM, 2001. p. 884)

Podemos dizer que as peças deste artista inglês retratam a sociedade trazendo reflexões interessantes como sorte e destino, liderança e poder, família e relacionamentos, identidade e igualdade, justiça e normas, dentre outras coisas que nos inquieta a refletir sobre temas que envolvam política e cidadania, e para as crianças, misturar o faz-de-conta e a contação com Shakespeare é uma forma de abrir uma porta para a imaginação e o professor é quem mediará e fará fluir este “entrar”

na imaginação.

Talvez possa soar estranha a escolha de um autor considerado por muitos como um gênio, mas de difícil entendimento, com uma linguagem rebuscada e temática considerada “forte” para crianças, no entanto, trabalhar com uma peça de Shakespeare é uma forma de fazer circular um autor e uma obra que dificilmente seriam trabalhados na educação infantil por outras vias que não a contação de histórias. Além do fato de que todas as histórias contadas por Shakespeare através de suas peças são ricas em termos de possibilidades e potencialidades de exploração e experimentação com crianças.

Diferente da maioria dos contos, as peças de Shakespeare não possuem uma lição de moral, não faz julgamento ou demonstra algum tipo de preconceito, apenas apresenta seres capazes de fazer e sentir, cometer erros e acertos, e seguir em frente, confiantes de que suas vidas são frutos e consequência de suas escolhas.

3 | QUAL HISTÓRIA VAMOS CONTAR?

Diante da abrangência da temática, escolhemos para contar neste artigo, as experiências que coordenadores e professores vivenciaram nas oficinas: “Vivenciar uma forma lúdica de vida é vislumbrar outras realidades, transportando-se para outras esferas, com uma força de vontade tal que transforma os sentidos do mundo, quebra as correntes” (KLISYS, 2010. p. 172).

Muitas pessoas, e infelizmente muitos educadores, em geral por falta de formação e acesso, ainda possuem a ideia de que o teatro é apenas brincadeira, diversão, passatempo, um “*hobby*”. Nesta mesma linha de pensamento, ainda se tem a ideia da Contação de História com fantoches para incentivo à leitura, porém o universo teatral é imenso, cheio de pedagogias e metodologias que a grande maioria não sabe por falta de informação e/ou acesso. Informação esta, que ainda é desconhecida, pois vivemos em um sistema que colabora para o processo de trabalho em massa, sistema este que faz com que a maioria das pessoas não acessem uma herança importante da cultura da narração, da tradição oral e da leitura.

Não dar importância para a imaginação, para a poesia e a brincadeira é fechar os olhos para tudo que está em nossa volta, e um dos terrenos mais férteis para fazer florescer a imaginação, a poesia e a brincadeira é o espaço escolar, como coloca Rubem Alves: “Educar é mostrar a vida a quem ainda não viu”.

3.1 Entre teoria e prática tem muita história para contar!

“Farei um relato completo, e vos prometo águas tranquilas e auspiciosos ventos e viagem tão ligeira que alcançaremos vossa esquadra real mais adiante”.
(SHAKESPEARE, W. 2015. p. 113)

Acreditamos que trabalhar com o teatro é demonstrar uma relação com a sociedade, e na educação, os professores são as pessoas que podem contribuir com aqueles que estão em descoberta do mundo. Para isso, a pesquisa vinculou o encontro entre teoria e prática, com o objetivo de experimentar em oficinas de Contação de História outras possibilidades na formação continuada de coordenadores e professores dos Centros de Educação Infantil da cidade de Dourados.

Para tanto foram oferecidas quatro oficinas, duas aos coordenadores dos CEIM's (realizadas em dezembro de novembro/2016) e duas para os professores (realizadas em maio e junho/2017), cada uma com 20 vagas. As Oficinas foram divulgadas para os profissionais de todos os 35 CEIM's do Município através de uma parceria com o Núcleo de Educação Infantil de Dourados. Vale ressaltar que todos os participantes receberam certificado de participação, que será considerado pela Prefeitura de Dourados como carga horária de formação continuada e capacitação prevista em calendário oficial da prefeitura.

Neste momento foi feita a opção de trabalhar com resumos de algumas peças de Shakespeare e não com a peça em si, por dois motivos: primeiro pela alegação dos próprios professores que de que a linguagem nas peças é de difícil entendimento, principalmente pensando em um trabalho posterior com as crianças; segundo pelo fato de trabalhar direto com a questão central da peça e sem diálogos.

4 | A HISTÓRIA DOS COORDENADORES...

A estrutura das oficinas foi pensada com o objetivo de introduzir à prática da Contação de História com elementos teatrais que poderiam despertar nos participantes o interesse por novas possibilidades e formas de contar uma história para as crianças com quem trabalham. Foram propostas investigações artísticas de contar uma história através de objetos e elementos teatrais e não uma receita a ser seguida. Os textos de Shakespeare¹ foram usados como forma de incentivo inicial para contar uma história, descobrir personagens, explorar a linguagem, dentre outras possibilidades.

A invenção do que não existe é uma ginástica para o pensamento imaginativo, por isso é oportuno investir também em brincadeiras de faz de conta relacionadas ao extraordinário, como super-heróis, criaturas mitológicas, personagens de folclore, literatura e outros do gênero. (KLISYS, 2010. p. 53)

Pensando nesta citação o primeiro encontro foi preparado com foco na apresentação e interação entre os jogadores de forma lúdica, usando a imaginação e a criatividade, para construir cumplicidade e confiança entre todos do grupo. A maioria

1. Optamos por trabalhar com resumos de algumas peças de Shakespeare e não com a peça em si, por dois motivos: primeiro pela alegação dos próprios professores que de que a linguagem nas peças é de difícil entendimento, principalmente pensando em um trabalho posterior com as crianças; segundo pelo fato de trabalhar direto com a questão central da peça e sem diálogos.

dos participantes se conheciam de outras formações e/ou reuniões feitas pelo núcleo de educação infantil da prefeitura, alguns apenas “de vista” outros estudaram juntos, trabalharam nos mesmos CEIM’s, entre outras trocas sociais. No entanto, com duas ou três exceções eles não conheciam a história um dos outros.

No teatro é muito importante a confiança com quem se está trabalhando, pois, segundo Huizinga: “No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. ” (2000. p. 5). É importante que haja conexão, disponibilidade e percepção entre os jogadores para que o jogo aconteça.

Desta forma foi proposto um jogo de apresentação onde todos deveriam usar o jargão “**Era uma vez...**” e contar a própria história na 3ª pessoa do singular. Esta frase ou jargão em geral é usada para iniciar uma narrativa oral, ou seja, para contar uma história, especialmente quando contamos histórias para crianças. Na língua Inglesa ela vem sendo usada desde o século XIV, já no Francês foi introduzida por Charles Perrault por volta de 1694. O “Era uma vez...” tem uma “tradução” ou um equivalente em praticamente todas as línguas e/ou dialetos que existem.

Celso Sisto (2005) coloca que só é possível contar bem uma história se você a amou, se você já leu várias vezes, já contou até para as paredes, pois desta forma ela irá fazer parte de você e você dela. E quando você a contar, terá emoção, detalhes, convicção e intensidade, ou seja, para uma história ser instigante, quem a conta deve ter propriedade da narrativa e introduzir a história com maestria ao contar. E que história sabemos melhor do que a nossa? Quem melhor para falar da própria vida do que quem a viveu?

A escolha deste jogo para apresentação se justifica pelo fato de que muitas vezes os participantes chegam às oficinas dizendo que não sabem contar histórias, ou que não guardam na memória nenhuma história, ou que tem vergonha de contar histórias na frente de tanta gente. Mas ao começar o jogo, eles vão se “soltando”, resgatam elementos de suas memórias afetivas e partilham com o grupo, logo quase sem perceberem, além de terem contado uma história de forma natural, ainda se conectaram com o outro ao partilharem suas memórias. Gerando desta forma um sentimento de troca e cumplicidade com o outro que agora também faz parte da sua história. No restante do encontro, os jogos foram baseados na exploração da narração, e as trocas entre os participantes passa a fluir e a timidez (um ponto forte de bloqueio) vai sendo deixada de lado, o lúdico e o prazer foram aos poucos sendo incorporados pelos participantes, fazendo com que de fato eles passassem por uma experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender

Para ter uma experiência é preciso um tempo/espaço diferente deste cotidiano que estamos acostumados, é preciso escutar e estar aberto a escuta mental e corporal. Ou seja, a experiência entendida como algo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (BONDÍA, 2001. p. 21). A experiência acontece quando algo nos toca, nos sucede, nos chega, nos afeta, e quando nos permitimos fazer isto, ou melhor, quando permitimos que algo ou alguém faça isso com a gente.

No decorrer dos encontros foi entregue um resumo da peça “Sonho de uma noite de verão” e uma caixa com objetos. Os participantes foram divididos em grupos e orientados a fazer uma leitura do texto ignorando, em um primeiro momento, a caixa. Em seguida da leitura cada grupo, em um espaço diferente e reservado, conversou e levantou considerações a respeito da história que foi lida. Apenas após todos estarem familiarizados com a história é que os grupos foram orientados a abrirem a caixa com os objetos.

É importante salientar que buscamos não trabalhar com a ideia “o que vocês entenderam da história”, pois acreditamos que a história vai dizer uma coisa diferente para cada pessoa, ou seja, cada um “entende” a história de forma diferente, de acordo com suas referências e capital cultural. Cada um conversa com a história de forma distinta e única.

Os objetos seriam estímulos para a contação e compreensão da história, e deveriam fazer parte da mesma na hora da apresentação. No último dia de oficina cada grupo contou sua versão da história de Sonhos de Uma Noite de Verão e os resultados foram bem interessantes, com contações bem diversificadas.

É importante dizer que houve questionamento por parte dos participantes (neste caso coordenadores dos CEIM's) em relação ao “entendimento” da peça, que para eles era de difícil compreensão. Levantaram a questão de que não saberiam dizer aos professores como estes poderiam trabalhar com seus alunos na educação infantil.

Evidente que este questionamento é válido, no entanto, no decorrer dos dois últimos encontros, após lerem e relerem o resumo, após irem associando com os jogos e os objetos, os próprios coordenadores foram percebendo que não iam levar o texto para os professores trabalharem com os alunos, mas sim uma sugestão de temática e uma série de jogos que poderiam ser trabalhados com os pequenos.

Como foi deixado livre a cada grupo trocar, modificar e/ou incorporar elementos, fatos e personagens à história, para que ela ficasse mais orgânica aos participantes, quase todos os grupos trocaram os nomes das personagens, o que para eles proporcionou uma aproximação com a história, mas todos mantiveram o conflito central da peça e seu desfecho.

5 | A HISTÓRIA DOS PROFESSORES...

O primeiro impacto nas oficinas com os professores já ocorreu na conversa inicial, onde todos os participantes demonstraram surpresa ao descobrir outra possibilidade de contação sem utilização de fantoches (modo mais tradicional nas escolas), ou contar uma história sem o livro na mão e/ou sem mostrar as “figuras” do livro. Reconheceram como “diferente” uma formação de professores prática, pois, segundo relatos da maioria, todas as outras formações em que haviam participado, era alguém na frente da sala falando e os professores sentados anotando.

Outra observação importante foi o fato de que os professores esperavam fórmulas ou receitas prontas sobre como fazer, ou ainda, como deveria ser feito. Uma das participantes verbalizou que alguns deles esperavam da oficina encontros teóricos e instrumentalização, ou seja, ensino de técnicas prontas para serem reproduzidas com as crianças. E ficaram muito surpresos ao se depararem com uma proposta de uso do próprio corpo-narrador e não, por exemplo, com fantoches.

Historicamente, a educação passa por uma questão verticalizada, pautada na detenção de informação do professor a quem *transmite* informação para quem não conhece. **Transmitir** se torna perigoso, pois têm-se a ideia de uma educação que Paulo Freire denomina de bancária, baseada no depósito de informações, ou seja, quem ensina detém o conhecimento e o deposita em quem aprende. Se para a educação esta prática está ultrapassada para o ensino do teatro ela nunca se fez útil. O ensino de teatro e/ou de Arte pressupõem um professor mediador e incentivador, e o aluno como sujeito ativo na construção do seu aprendizado, um ser político, cultural e social articulador do próprio saber.

Merleau-Ponty estudou as noções de infância da criança de zero a seis anos que ele chamou de “criança pequena”. Segundo o autor a criança no seu cotidiano transita entre realidade e imaginação sem nenhum tipo de ressalva, pois seu pensamento ainda não é lógico, logo, sua maneira de ver o mundo e a vida são diferentes de um adulto. E este quando pesquisa a criança não pode pensar o mundo infantil sob um ponto de vista adulto, pois o ponto de vista da criança é onírico e não-representacional. Sob esta perspectiva é certo dizer que a criança é maleável, plástica e imaginativa, que convive no mesmo mundo dos adultos, mas que habita uma outra lógica que a faz pensar, sentir e agir de maneira diferente frente ao mundo.

O importante no trabalho teatral com a educação infantil seria alcançar esta outra lógica e estar preparada para lidar com ela. MENDONÇA coloca que:

Quando adentramos uma sala de aula, devidamente preparados, possibilitando que os alunos acessem diferentes convenções teatrais, a partir do que propomos com toda a materialidade oferecida ao grupo, sendo a principal: o corpo, somos capazes de suscitar a imaginação criativa, alimentada com jogos, imagens, músicas, objetos, figurinos, textos, ou ainda provocar a mudança da atmosfera desse espaço, surpreendendo-os” (2015, p.13)

Ou seja, quanto mais preparado o professor estiver, melhor será sua aula e sua interação com os alunos. E por isso a importância da formação continuada.

Voltando as oficinas, no primeiro encontro foi proposto o mesmo jogo de apresentação realizado com os coordenadores. Com o jargão “Era uma vez”, cada participante relatou um pouco sobre si mesmo, contou um pedacinho de sua história. Houve preocupação com o tempo, timidez, não saber o que falar, e bloqueio a ponto de receber ajuda do ministrante. Com isso, foi possível deduzir como são as aulas de professores que se excluem por estar em evidência.

A prática da contação de história é oposta. O professor é justamente aquele que irá desenvolver a narração e envolver todos os participantes. “Contar ganhou outros significados, como comunicar, ensinar, brincar, inserir a criança no contexto social. Contar é também inserir a linguagem do grupo para a criança”. (GOMES, 2012. p. 27).

As oficinas proporcionaram um leque de descobertas para os participantes e ministrantes. Os professores passaram por experiências significativas para o próprio corpo enquanto agente da narração. O corpo na contação de histórias fala, através dele é possível evocar e traduzir imagens, principalmente quando se utiliza a voz simultaneamente. Nas oficinas tentamos proporcionar vivências e maneiras diferentes para os professores interagirem e se relacionarem com seus alunos.

Pensando neste foco foram utilizados na oficina jogos de improvisação e blablação para que os participantes pudessem explorar e buscar uma forma não padrão de formatação textual e de memorização, pois muitas vezes o ato de decorar uma frase ou texto pode codificar um estado único de interpretação.

Durante cada encontro os participantes eram instigados a contar pequenas histórias, ou pedaços de histórias e os ministrantes faziam considerações. A intenção não era traduzir a contação em nenhuma interpretação do que é “certo ou errado”, logo os apontamentos feitos foram a fim de instigar os grupos a criar ou para que pudessem perceber o corpo no espaço, foram dados “alguns toques” a fim de que ocupassem o espaço da contação de maneira dinâmica e expressiva.

Não existe uma única maneira de contar história. A possibilidade levada é uma entre tantas outras maneiras de fazê-la. É com o trabalho corporal que as portas se abrem para a linguagem teatral. E ao descobrir as nossas expressões, fazemos relações com outros corpos e grupos sociais.

6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como já mencionado acima, a Contação de História na Educação infantil é um leque de grandes possibilidades e potencialidades, mas é importante pensar em como ele está sendo usada pelos professores:

A atividade de contar histórias é presença cotidiana nas creches e pré-escolas, sendo a ela corretamente atribuídos o incentivo à imaginação e à leitura, a ampliação do repertório cultural das crianças e a criação de referências importantes ao desenvolvimento subjetivo. (GIRARDELLO, 2007. p. 01)

Mas a Contação de História pode ir além, pode ajudar as crianças a se identificarem como sujeitos no mundo, pode trabalhar a relação com o outro, a valorização das tradições e de si mesmos, o respeito pelo diferente, compreensão das regras sociais e culturais, percepção corporal e espacial, a linguagem, desenvolvimento cognitivo, entre tantas outras possibilidades. Mas para que isso aconteça precisamos de professores capacitados para transpor a barreira de uma leitura em voz alta.

É importante ressaltar que esta colocação não é uma crítica a esta prática que também contribui para o desenvolvimento da criança, ler em voz alta para criança é uma forma de troca e construção do saber, no entanto, acreditamos que não deva ser a única.

(...) é ouvindo histórias e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas [as crianças] aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais. Na entrega ao presente do jogo narrativo no âmbito da educação infantil, professoras e crianças ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes. Tornam-se seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo. (GIRARDELLO, 2007. p. 10)

Existe hoje, não só em Dourados, mas no Brasil inteiro uma defasagem na formação continuada dos professores, este problema se agrava um pouco mais quando falamos dos profissionais que trabalham a linguagem teatral nas escolas. Porém, além de bibliografias que possam preencher esta lacuna, é preciso formações práticas, pois você entende um jogo quando você o joga, somente o internaliza através do seu corpo.

Tentamos mostrar esta diferença nas nossas oficinas, sempre que fomos interrogados com a seguinte pergunta: “Mas este jogo a gente pode fazer com as crianças pequenas?” Respondíamos que o referido jogo não era para ser reproduzido com as crianças, estávamos jogando com os participantes com o objetivo de cada um entender as potencialidades presentes no próprio corpo, e explorá-las sob um novo olhar e com novas formas na hora de contar uma história na sua sala de aula.

Trabalhar com teatro-educação pode dar sequência a condições de trabalho para a apropriação deste tipo de conhecimento no ambiente escolar. Japiassu diz que:

As artes ainda são contempladas sem a atenção necessária por parte dos responsáveis pela elaboração dos conteúdos programáticos de cursos para formação de professores alfabetizadores e das propostas curriculares para a educação infantil e o ensino fundamental no Brasil. (2001. p. 23).

A partir das experiências com os coordenadores e professores dos CEIM's foi possível perceber a relevância de se estabelecer um diálogo entre teatro e educação. A formação continuada é uma forma para que os profissionais da educação realizem pesquisa e atualização do ofício de educar.

Nas oficinas foi possível realizar um importante mapeamento acerca do grau e da potência com que o teatro tem chegado às escolas e conseqüentemente, às crianças. Quando os participantes foram interrogados sobre o como e o porquê utilizavam a Contação de História em sua rotina de aula, a resposta de 90% deles foi que o objetivo era incentivar a leitura. Não há nada de errado neste fato, mas temos que ter em mente que a tradição oral é muito anterior a escrita e principalmente a literatura, ela era usada para transmitir conhecimentos, sabedorias, crendices, costumes, hábitos, lições, entre outras coisas.

O professor tem em suas mãos o artifício de escolher como irá trabalhar com seus alunos. A ele cabe planejar o trabalho e construir os possíveis caminhos para alcançar seus objetivos, tendo em mente que ensinar é sempre um processo de construção de sentidos com o outro. A prática da contação de histórias com o teatro no ambiente escolar pode ser um processo que compreende permitir outras sensações de se reconhecer. Para DUARTE JR (1981. p. 93) “imaginar é não se ater as coisas como elas são”.

O teatro é um elemento potente na construção de pensamento da humanidade e compreender as relações de teatro e educação viabiliza às crianças contar e inventar histórias com novos olhares e possibilidades.

Quando pensamos nas práticas de ensino do teatro nos espaços de educação, sejam eles formais ou não formais, temos que pensar no teatro contemporâneo, e propor uma construção de conhecimento que insurja da experiência provocada pelo jogo e pelo fazer teatral, não ficando presos em regras ou metodologias como se fossem receitas prontas. Ao contrário são possibilidades e devem ser revisitadas sempre, mas com um olhar que converge na prática artística do próprio professor de teatro.

Entendo que no dia a dia da sala de aula, tendo que cumprir uma carga horária alta, preencher planos e diários, planejamentos, reuniões, seguir parâmetros, diretrizes e base curricular, o professor por vezes se sente de “braços amarrados” para criar com sua turma fora dos “padrões escolares”. No entanto, temos sempre que ter em mente que o caráter educacional da arte nasce justamente da experiência (Dewey), concordo com Larrosa quando este levanta a questão que certos saberes só aprendemos fazendo, só aprendemos ao passar pela experiência do fazer.

Percebemos a grande necessidade desta atividade no ambiente escolar, principalmente nos anos iniciais. A educação e o teatro juntas transformam, e esta transformação pessoal e coletiva é importante para o desenvolvimento social, cognitivo, corporal e imaginativo da criança e do professor. O professor é aquele que pode propor formas significativas de experiência para o aprendizado da criança e é sempre uma via de mão de dupla, um aprende com o outro. É nesse sentido que a contação de história pode colaborar para um ser pensante e menos racional e os dias atuais de nossa sociedade brasileira pedem por mais alegria e imaginação.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Shakespeare: a invenção do humano**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona/Espanha. Tradução de João

Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, 2001.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Fundamentos da educação**. São Paulo: Cortez. Autores associados, Universidade de Uberlândia, 1981.

GIRANDELLO, Gilka. **Voz, Presença e Imaginação: A Narração de Histórias e as Crianças Pequenas**. Florianópolis: UFSC, 2007. In <http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>. Acessado em 22 de julho de 2017.

GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano. **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Lenice. **Cantares e contares: brincadeiras faladas. A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 9º Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. 224p.

KLISYS, Adriana. **Quer jogar?**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (org). **Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

MENDONÇA, Célida Salume. **Teatro na Escola Pública: um DIREITO**. In Caderno GIP-CIT. Salvador: UFBA, 2015. Ano 19, n 35. p. 8-22.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. SP: Martins Fontes, 1999.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. Porto Alegre: L&PM, 2015. (Coleção L&PM Pocket).

SHAKESPEARE, William. **Sonho de uma noite de verão**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. (2ª ed. revista e ampliada). Curitiba, Positivo, 2005.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-15-4

